

---

“REPRESENTE SER O QUE NÃO É ATÉ QUE SE TORNE”:

## O CONSUMO SIMBÓLICO DO TESTEMUNHO NA AUTOFICÇÃO DE *ÉDOUARD LOUIS*<sup>1</sup>

ADRIANO PINTO COELHO<sup>2</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-São Paulo)

Este trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da concessão de bolsas de estudos 130338/2024-9 e Código de Financiamento 001.

Os livros do jovem escritor francês Édouard Louis são um sucesso de crítica e de vendas ao redor do mundo. Muito já foi comentado sobre as características de sua narrativa autoficcional, mas pouco sobre sua estratégia discursiva. A partir da análise do discurso do primeiro capítulo de seu livro “Mudar: Método”, procuramos entender a relação de sua escrita com o consumo simbólico do testemunho. Procuramos, também, correlacionar sua escrita com um conceito sobre uma ‘escrita gay’, desenvolvido por Denílson Lopes. Para tanto, mobilizamos e tensionamos conceitos da teoria literária, dos estudos sobre consumo e preceitos de Análise do Discurso, sob a ótica de Michel Foucault em “A Ordem do Discurso”.

### Palavras-chave:

*Édouard Louis*; discurso; autoficção; consumo simbólico; testemunho

### Introdução

“Édouard Louis nasceu em Hallencourt (França), em 1992. Em seus relatos contundentes, inscritos em uma tradição que remonta a Annie Ernaux e Didier Eribon, a homossexualidade e as injustiças de classe são retratadas através de uma escrita honesta e afiada, marcada por altas doses de crítica social e política. Dele, a (editora) Todavia publica também **Quem matou meu pai e Lutas e metamorfoses de uma mulher**”. (Louis, 2023) (grifos nossos)

O texto acima é a nota bibliográfica do livro ‘Mudar: Método’, último livro de Édouard Louis (2024) publicado no Brasil. Contando com este, somam-se cinco livros no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para a disciplina ‘Teorias da Comunicação e das Mídias’ do Mestrado em Comunicação e Consumo na ESPM/SP (PPGCOM – ESPM/SP) em junho de 2024

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação e Consumo -PPGCOM – ESPM/SP – segundo semestre finalizado

---

total. O autor é um sucesso midiático, de crítica e de vendas. Segundo o site do valor econômico de 22 de junho de 2018, só o seu primeiro livro, “O fim de Eddy”, vendeu mais de trezentos mil exemplares na França.<sup>3</sup>

Para fins deste artigo, focaremos no primeiro capítulo do já citado último livro lançado por Édouard. Nesta obra, acompanhamos toda a trajetória do autor desde sua vida como estudante colegial até sua ida à Paris e, conseqüente, bem-sucedida carreira de escritor. O capítulo que iremos abordar é todo escrito num tom testemunhal direcionado ao pai do autor.

A metodologia adotada será a Análise do Discurso, desenvolvida por Michel Foucault (1996) em ‘A Ordem do Discurso’. O enfoque metodológico será dado nos *Interditos*, como um dos sistemas de exclusão que atingem o discurso e, também, o *Princípio do Autor*, como um dos seus procedimentos internos de controle. A análise será feita através da perspectiva crítica, pois queremos pôr em questão as instâncias de controle deste discurso.

Em ‘O mundo dos bens’, Mary Douglas e Baron Isherwood (2013), nos contam também que o estudo do consumo pode significar o privilégio do simbólico, experimentando-se, assim, a relatividade dos valores e a instabilidade nele implícita. Vamos propor um olhar para a produção autoficcional de Louis através deste consumo cultural, através de um enquadramento naturalista.

Quanto à questão da escrita como testemunho, Márcio Seligmann-Silva (2002), estudioso da literatura do trauma e do testemunho, afirma que este “não deve ser confundido nem com o gênero autobiográfico nem com a historiografia - ele apresenta uma outra voz, um ‘canto’ — ou lamento — ‘paralelo’, que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado.” (Seligmann-Silva, 2002, p.16)

O fator sexualidade é de grande importância na escrita autobiográfica/ficcional de Louis. O que nos remete ao ensaio ‘Escritor, gay’ de Denílson Lopes (2002), no qual o mesmo nos conta que “na volta do autor, nos anos 90, a experiência se sobrepõe ao lugar da identidade, fazendo da narrativa importante recurso teórico-metodológico. Quero hoje

---

<sup>3</sup>. <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2018/06/22/um-fenomeno-frnaces-pesado.ghtml>

---

estar entre relatos de leituras e a autobiografia nesta estação chamada estudos gays.” (Lopes, 2002, págs. 38 e 39) Trataremos desta tema mais a frente no artigo.

### **‘Mudar: Método’ – Da Ordem do Discurso**

Como já mencionado na Introdução do artigo, o primeiro capítulo do livro em questão, é todo escrito em tom testemunhal direcionado ao pai do autor. Ou seja, temos um filho falando diretamente ao próprio pai, com toda a ‘carga’ da relação de poder que esta ‘cena’ impõe.

Em seus estudos, pesquisas e escritas, Michel Foucault (1996) deparou-se frequentemente com as relações de poder. Mais do que isso: o poder como relação. Para ele, o cotidiano era um espaço de contínua tensão, atravessado por instituições disciplinares e práticas culturais diversas. As instituições exercem seu poder através de dispositivos disciplinares. Estes incluem, entre outros, a família.

Em “A Ordem do Discurso” (1996), Foucault elabora um teoria metodológica para analisar o discurso (este entendido como exposto nos parágrafos acima), tendo como ponto de partida a linguagem.

Em linhas gerais, Foucault (1996) estabelece sistemas de controle dos discursos pela exclusão, podendo estes serem externos ou internos. Quanto aos primeiros, tem-se a interdição (palavra proibida), a segregação da loucura e a vontade da verdade (tendo esta, a primazia entre os outros). Quanto aos internos, observam-se o comentário, o autor, e a organização das disciplinas. Há ainda os procedimentos que determinam as condições de funcionamento dos discursos (grandes procedimentos de sujeição do discurso). São estes: os rituais de palavras, as sociedades dos discursos, doutrinas e apropriação social.

São quatro os princípios de método, segundo Foucault. São eles: inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade. E, também, quatro são as noções de princípio regulador para a análise: acontecimento, série, regularidade e condição de possibilidade. Por fim, existem duas perspectivas (conjuntos) possíveis de análise. São elas: a crítica e a ‘genealógica’. Na primeira, reside o princípio da inversão e na segunda, os princípios da descontinuidade, especificidade e exterioridade. As diferenças entre as duas residem no ponto de ataque, de perspectiva e de delimitação.

---

O conjunto crítico põe em questão as instâncias de controle e deve analisar as regularidades discursivas através das quais elas se formam. Está ligado aos sistemas de reconhecimento do discurso, procurando detectar e destacar os princípios de ordenamento, exclusão e rarefação do discurso; praticando, assim, uma desenvoltura aplicada ao jogar com as palavras. Por sua vez, o conjunto ‘genealógico’ deve considerar os limites que interferem nas formações reais, detendo-se nas séries de formação efetiva do discurso. Procura apreender o discurso em seu poder de afirmação, numa oposição ao poder de constituir domínios de objetos.

Destacamos três trechos curtos do primeiro capítulo do livro, já citado como objeto empírico, para análise.

## **Resultados e Discussões**

### **Testemunho**

Seligmann-Silva (2002), no já citado texto ‘Literatura e trauma’ nos conta que a literatura testemunhal que nasce no século XX após as Grandes Guerras e genocídios, nos ensinou a ler o texto literário como testemunho dos ‘traumas’ de uma época, a escritura, assim, enquanto traço testemunhal. A partir de então, criou-se uma noção de teor testemunhal na literatura.

Assim, como alguns sobreviventes dos campos de concentração, Louis também se refere a si mesmo na terceira pessoa. Como se aquele *eu* que está ali, não fosse ele mesmo. Neste trecho específico, é possível observar uma tendência (mínima, que seja) de uma literatura testemunhal.

### **Consumo Simbólico**

Pela antropologia do consumo, proposta por Mary Douglas e Baron Isherwood (2013, p. 8), “o consumo é algo ativo e constante em nosso cotidiano e nele desempenha um papel central como estruturador de valores que constroem identidades, regulam relações sociais, definem mapas culturais.” Ambos os autores nos ensinam que o consumo de produções e serviços é público e, portanto, se realiza na esfera coletiva.

---

Esta visão do consumo como fenômeno cultural e coletivo, nos ajuda a entender a vida contemporânea. “Coisas como moda, objetos, publicidade, bens, televisão, produtos, serviços, shoppings são marcas indelévels no espírito do tempo e formam um sistema de consumo, dando ampla visibilidade à vida social cotidiana (...) os bens de consumo definitivamente não são meras mensagens; eles constituem o próprio sistema. Tire-os da interação humana e você desmantela tudo.” (Douglas, Isherwood, 2013, p.16)

Se o consumo pode ser simbólico, por ser cultural, e, também, pode ser entendido como um código, o qual inclui identidades e relações sociais elaboradas na vida cotidiana, a escrita de si enquanto testemunho, pode ser consumida simbolicamente. E, indo além, o modo de produção desta escrita também é objeto de consumo, uma vez que está inserido na vida contemporânea, como marca, também, do chamado *espírito do tempo*. Nós consumimos a história que o outro nos conta sobre sua trajetória, tendo ele vivido essa experiência ou não. Esta dúvida não nos impede do consumo simbólico do que nos é alheio.

### **Escritor gay**

Em ‘O homem que amava rapazes e outros ensaios’, Denílson Lopes (2002), no início do século XXI, escreve no já mencionado ensaio, que “não mais a estética tradicional, nem mesmo a crítica, apenas a escritura, como experiência limite barthesiana, entre a ficção e a ciência.” (Lopes,2002, página 39)

### **Disposições finais**

Através da utilização da teoria metodológica de Foucault em “A ordem do discurso”, podemos exercitar a análise dos elementos de poder, desejo e do acaso como excludentes da fala do autor/filho presentes no texto do objeto empírico escolhido. Importante salientar o quanto à escrita de Édouard é interdita pelo fato dele se dirigir ao próprio pai.

Podemos verificar que as questões relacionadas ao consumo e, principalmente, à produção deste tipo de escrita só se fazem possível se pesquisarmos o consumo pelo olhar da antropologia. Ao tentarmos compreender o consumo como simbólico, fica claro o

---

entendimento de que aquele “é a própria arena em que a cultura é objeto de lutas que lhe conferem forma.” (Douglas, Isherwood, 2013, p.101)

Por fim, vale citar Denílson Lopes quando, ele, ao discorrer sobre a escrita *gay* com sendo uma literatura autobiográfica por excelência, conclui:

“Frágil, perplexo, humilde me aventuro a balbuciar. Uma criança em meio aos ruídos deste início de milênio” (Lopes, 2002, p.39)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**. Trad. Plínio Dentzen. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996

LOPES, Denílson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2002

LOUIS, Édouard. **Mudar: Método**. Tradução: Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2024

SELIGMANN – SILVA, Márcio. **Literatura e Trauma**. In: Pro-Posições, vol.13, n.3 (39) Campinas, SP: Unicamp, set/out, 2002